

acabado o dito meu testamento e quero que se guarde e cumpra assim como aqui mando. E eu Melchior da Trindade, administrador do dito mosteyro que a rogo da dita Senhora Domna Britis testador isto acrecentey e com ella torney a asinar como testemunha.

Feito na dita quinta aos deza[se]te dias do dito mes e era *ut supra*.

(Assinado:) DONA BRITES DE CASTRO

(Assinado:) MELCHIOR DA TRINDADE

Notas e Comentários

Henrique de Gand († 1293)

A propósito da edição dos seus «Opera Omnia»

A investigação e a produção filosófica, nas suas facetas quer sistemática quer histórica, exige a edição crítica das obras dos seus autores, dela devendo ideal e fundamentalmente depender. Por razões e condicionalismos histórico-textuais óbvios, é nos domínios da denominada filosofia antiga e medieval que a existência desse difícil trabalho de edição mais condiciona o investigador na sua possibilidade de avançar (ou não) com sínteses progressivamente definitivas e interpretações eficazmente analíticas.

Graças ao impulso de Raymond Macken (O. F. M.), a partir de 1979 começámos a dispor dos primeiros volumes da edição crítica das *Obras Completas* de Henrique de Gand. Concretizava-se desta feita o desejo expresso por Maurice De Wulf nos fins do século passado sobre a necessidade desta realização, que supera definitivamente a *editio princeps*. O projecto, devidamente acolhido pelo De Wulf-Mansioncentrum da Katholiek Universiteit Leuven, continua a ser ainda dirigido sob a competente coordenação geral daquele franciscano belga da província flamenga¹. Os onze volumes até à data editados, dos quarenta e seis por enquanto previstos, permitem-nos aquilatar do elevado nível científico da equipa internacional congregada em torno de R. Macken, filósofo, metodólogo e historiador, recentemente acolhido na prestigiante edição de *Men of Achievement*². Para além de assinar alguns desses volumes, e tanto quanto nos é dado saber, pelo menos desde 1968, data do seu trabalho de doutoramento, que marcará uma fase decisiva na investigação sobre o pensamento gandavense (*Hendrik van Gent's «Quodlibet I»*. *Tekstkritische uitgave, Weerlegging van een mogelijke eeuwigheid der wereld*), R. Macken estuda de forma quase exclusiva a obra de Henrique de Gand³.

Objecto de estudos histórico-filosóficos pelo menos já desde o século passado, Henrique de Gand tem ocupado os seus exegetas e comentadores em vários domínios de relevo. Mencionaremos aqui alguns dos títulos da completíssima bibliografia coligida por R. Macken e ainda inédita⁴.

Já não deverá ser necessário insistir na importância deste autor do último quartel do século XIII, mestre e teólogo secular de Paris (desde c. 1265) em cuja obra se «reflectem os conflitos dos últimos trinta anos do séc. XIII da Universidade de Paris»⁵. Formado em teologia em 1275, integrará, dois anos depois, a comissão presidida por Estêvão Tempier (vd. *Quodl. II, q. 9*), que definiu duzentos e dezanove «erros» incompatíveis com a fé cristã⁶. No ano anterior, em 1276, ensinava teologia em Paris (o seu primeiro *Quodlibet* data de Dezembro desse mesmo ano), actividade que exerceu até 1293, apesar de uma suspensão por Bonifácio VIII, em 1290, motivada pela sua oposição aos privilégios concedidos aos mendicantes.. Para além do seu labor universitário, que nos revela um espírito independente e singular, Henrique de Gand não se destacou menos numa acção pastoral e numa carreira eclesiástica de grande intervenção, enquanto pregador e arcebispo, primeiro de Bruges e depois de Tournai. Conforme testemunho de João de Thielrode no *Chronicon monasterii sancti Bavonis*, Henrique de Gand terá morrido no ano de 1293. Retenha-se desde já o facto significativo de o Gandavense ter iniciado a docência da Teologia após a morte de Tomás de Aquino e de a ter abandonado antes de Duns Escoto concluir os seus estudos teológicos parisienses (1296).

Sem dúvida a mais relevante figura da tradição filosófica que une Boaventura a Duns Escoto, Henrique de Gand será ainda aquele pensador cuja «sublimidade e dignidade» não deixou de impressionar, entre outros, Pico della Mirandola (1463-94) ou Bossuet (1624-1704) e cuja «eficácia racional» serviu de arrimo ao projecto de Jacopo Mazzoni de Cesena (1548-98). Como o testemunham as edições humanistas das suas obras — Badius (1518 e 1520), Zuccolius (1608 e 1613) ou Scarparius (1646)⁷ —, para além dessa consequente difusão, Henrique de Gand foi um autor de importância insofismável no movimento «escolástico», embora ainda não estejamos em condições de avaliar com precisão a influência do seu trabalho nas obras de um Pedro da Fonseca (já referido por Huet) ou de um Francisco Suarez, para citarmos apenas os nomes mais imponentes e que nos são mais próximos. De igual modo, está ainda por levantar, de forma objectiva, uma eventual presença de alguns vectores do seu pensamento na filosofia do Renascimento e da Modernidade. Adoptado como «Maître à penser» (*doctor*) pelos Servitas em 1609, o interesse pela sua obra parece ter decrescido ligeiramente a partir do século XVIII, para logo ser recuperado por uma tradição romântica que lhe forjou uma mítica biografia e nos legou algumas das mais impressionantes reproduções iconográficas do autor da Flandres⁸. Tido como um campeão do platonismo contra o aristotelismo do seu século, pelo menos até à imagem de pensador «eclectico» com que De Wulf o apresentou, tendemos hoje a apreciar o contributo mais original da sua obra na nova e particularíssima síntese operada na preservação da herança do augustinismo tradicional confrontada e corrigida com o acolhimento dos — a seu ver — mais válidos elementos do tomismo. É o que se torna patente, por exemplo, na questão noético-gnoseológica⁹.

Em discurso pronunciado em 12 de Março de 1649, na Universidade de Heidelberg, Estêvão Hoest de Landenburg não hesitava em colocar Henrique de Gand entre os modernos («de principibus moderne invenciones») porque, como Duns Escoto e Ockham, construiu uma primeira oposição formal às deformações arábico-latinas do aristotelismo¹⁰; como adiante se verá, este facto será expressamente claro na temática da possível eternidade do mundo. No seu contexto histórico, são relevantes os seus prenúncios do nominalismo positivista de Guilherme de Ockham (v. gr., com a oposição da ordem sobrenatural à natural, pelo conceptualismo, pela metafísica do concreto ou pelo problema da relação) e a herança de um «platonismo profundo» legada a Duns Escoto e patente, em termos de adesão ou de crítica, em inúmeros sectores (como o de uma idêntica definição da *natura absoluta*, o problema da distinção intencional ou o da individualização). A partir da bibliografia que aqui apresentamos, poderá o Leitor obter uma primeira informação sobre as principais influências sofridas por Henrique de Gand e os seus principais interlocutores e herdeiros.

Para além do que Heidegger escreve nos seus *Holzwege* relativamente à norma retrospectiva e prospectiva de interpretação da história da filosofia, gostaríamos de pensar, finalmente com Chesterton, que há duas maneiras essenciais de se *estar* em filosofia, a platónica e a aristotélica. Assim sendo, a ponderação da eventual «originalidade» do Gandavense deve ser medida na ambígua, difícil e sempre pessoalíssima estratégia em que todo o estabelecimento de uma economia sintética entre Platão e Aristóteles terá forçosamente que consistir. Evidentemente, ao regredirmos na convicção enunciada, o nosso olhar interpretativo não se excusará a retomar com crítica a ponderação da diferença no seu eixo histórico e estrutural, eixos que definem a «alteridade» medieval, no dizer de P. Zumthor.

A obra conhecida do *doctor solemnissimus* (como um anónimo teólogo de Paris se referia a Henrique de Gand¹¹) compõe-se de quinze *Quodlibeta* (considerados por M. Grabmann como os mais preciosos de toda a escolástica medieval¹²), de uma *Summa* (essa «catedral gótica incompleta», como a designou P. Bayerschmidt¹³), de um *Tractatus super facto praelatorum et fratrum* e de uma *Lectura Ordinaria super S. Scripturam*¹⁴. São-lhe ainda atribuíveis: *Synkategoremata*, *Quaestiones super VIII libros Physicorum*, e dois *Sermões* («in synodo feria 2.^a post misericordiam Domini, 1287» e «in die festo Sanctae Catharinae»)¹⁵. Uma numerosa literatura (*abbreviationes*, *compilationes*, *extracta*, *tabulae* ou obras polémicas) testemunha o interesse (apreciativo e depreciativo, fazendo este parte da campanha dos primeiros tomistas pela defesa da sua herança) suscitado pela obra do Gandavense entre os seus contemporâneos¹⁶. A partir de tal contestação cruzada poderemos caracterizar o lugar específico da proposta henriquina no variegado contexto das posições filosóficas do século XIII, na convicção, que partilhamos com o seu moderno editor, de que algumas das suas posições «mériteraient d'être prises en considération aujourd'hui encore en matière de philosophie

et théologie». A leitura da sua obra não nos mostra um autor «árido», apesar de difícil, mas antes alguém totalmente inserido no seu tempo e com ele comprometido no sentido de uma sua transformação espiritual e reorientação mental. De forma notável, Henrique de Gand não procura impor soluções simplistas mas esforçar-se-á, nas suas «questões», por cobrir todos os aspectos do problema em análise como se torna patente, entre outros casos, na questão que o opôs vigorosamente a Egidio Romano (*Quodl.* I, 9 e X, 7). Facto relevante, a sua «determinatio» mostra-se sensível à evolução do tempo e à gestão da diferença, da independência e da individualidade, convidando os leitores — em exemplo medieval de uma «obra aberta» — a acrescentar aspectos omissos. É o que se lê, v. gr., no fim do *corpus quaestionis* do *Quodlibet* VI (q. 24): «Si quod vero membrum omissum sit, ut aliquod restat, subdistinguendum apponat ille cui occurrit, mihi autem ad praesens non occurrit». Uma tal «escrita a várias mãos» não nos causa surpresa. Ela insere-se no espírito escolar medieval de uma busca universal da Verdade, a qual «nondum est occupata»¹⁷. Este traço universitário reconhece-se ainda pelos esquemas lógico-didáticos que o autor de Gand acrescenta (vd. a *Lectura* e a quarta ilustração apensa). Aliás, como sabemos após os estudos de P. Glorieux, entre outros autores, os processos e métodos de ensino da altura compaginavam uma específica margem de liberdade para a expressão do pensamento pessoal com o confronto com uma tradição consolidada na exegese dos textos canónicos e uma interacção escolar intelectual além de extra-institucional (como acontece com os *Quodlibeta*)¹⁸. Por tudo isto a sua obra pode inscrever-se na constituição de um estilo cultural escrito (contra o estilo «oral» a que se refere M. Jousse), como finalmente o testemunha o seu impressionante convívio diacrónico e transversal com a mais ampla tradição, confrontada com «movimento, cor e um certo lirismo»¹⁹. Isso mesmo se patenteia nas mais surpreendentes questões em análise, para além do cuidado posto na redacção de uma vasta obra, que se confronta com os filósofos antigos a partir da fé e da tradição cristã, com os temas mais candentes do seu século e com os autores mais destacados²⁰.

Passando à apresentação da edição crítica, refira-se desde logo a importância dos quatro volumes da autoria de R. Macken (estando os dois últimos ainda em fase preparatória), que abrem muito justamente a colecção²¹. Enquanto no último se procurará apresentar um primeiro ensaio crítico de biografia, os três primeiros constituem o resultado de um pormenorizado périplo pelas bibliotecas europeias: descrição completa e classificação de mais de duas centenas de manuscritos, reportório sistemático das obras do Gandavense, concluindo com dez utilíssimas Tábuas (catálogos de manuscritos citados; fontes antigas; obras modernas; manuscritos conservados citados; proprietários dos manuscritos; índice onomástico, temático, de lugares e instituições; reportório de *incipits*; microfímes e fotos do De Wulf-Mansioncentrum; tábuas das reproduções; tábuas de matérias)²². Seguramente, terá sido também deste minucioso trabalho que R. Macken retirou uma inusitada

competência para dirimir toda a enorme complexidade dos problemas de crítica textual que esta edição não deixou naturalmente de suscitar²³. Isso mesmo se vê pela leitura dos «Estudos Críticos», ora em inglês, ora em francês, ora em alemão, que antecedem cada volume dedicado à edição do texto latino.

Tomaremos como exemplo, e ocasião, o estudo que antecede a edição do primeiro dos seus *Quodlibet*. Testemunha-se aí bem o nível metodologicamente inovador deste empreendimento e a sua dificuldade. Lemos na «Introdução» um prévio ensaio biográfico (p. vii-xii) e um exame bibliográfico (p. xii-xxiv), ambos antecedendo um apreciável «Estudo Crítico». Nele se começa por reconhecer a escassa credibilidade das edições humanistas (p. xxvi-xxviii) passando-se à descrição e exame das trinta e quatro cópias manuscritas do *Quodlibet* I (que supõe já o conhecimento dos primeiros volumes da *Bibliotheca manuscripta*). A este propósito, talvez tivesse sido preferível adoptar como referência para os Manuscritos uma inicial que permitisse uma mais imediata identificação da sua origem, recorrendo a numerais subscritos ou a abreviaturas nos casos de existência de mais de um manuscrito em um único fundo. Antes da elucidação sobre as técnicas e normas da edição (p. lxxxviii-xciii), devem salientar-se as várias secções dedicadas ao seu estabelecimento: tradição universitária do *Quodlibet* I (p. xliii-xlix); relações mútuas entre os manuscritos (p. l-lxviii); exame do caso do Ms. A (Paris, Bibl. Nac., ms. lat. 15848), de finais do século XIII e independente da «tradição universitária» embora legado à Sorbona por Godofredo de Fontaines (p. lxix-lxxxi) e a indicação sobre o processo de reconstituição do texto (p. lxxxii-lxxxvii). O resultado desta reconstituição é notável (a aturada revisão do texto é praticamente impecável), baseada num número vasto de manuscritos, mas centrada em A., que se conjectura, com grandes probabilidades, estar na origem dos restantes. De um ponto de vista gráfico, o leitor pode facilmente seguir, na margem, a divisão das *peciae*, e foliação respectiva nos diversos manuscritos, na edição de Badius (Paris, 1518) e na edição comentada de Zuccolius (Veneza, 1613), para além das variantes, no aparato crítico; as fontes são identificadas, os erros de citação devidamente corrigidos, recorrendo-se, por último, à divisão pentalinear que o editor segue até à primeira centena.

Um rápido exame pelas quarenta e duas questões do *Quodlibet* I revela-nos a extraordinária riqueza temática predominantemente teológica das preocupações da época e do livre empenhamento do autor: a Trindade (q. 1), a cristologia (qq. 2-6): O não-ser e a infelicidade (q. 20), o pecado original e a morte, das crianças sem baptismo (qq. 21-24), o pecado (qq. 25-26), a penitência (qq. 27-33), a vida intelectual (qq. 34-35), a exegese (q. 36), a vida religiosa (qq. 37-38) e até o comércio (qq. 39-42). Pelo estatuto específico deste tipo de questões, que como se sabe eram suscitadas sem entraves pela assembleia universitária, os *Quodlibeta* aparecem-nos

como um interessante quadro mental da época²⁴, não sem valor filosófico, embora, naturalmente, desigual.

No domínio filosófico, merecem relevo particular as questões dedicadas à distinção *intencional* entre essência e existência no ser criado (q. 9), que se opõe à tese da distinção *real* de Egidio Romano com o intuito de preservar a unidade fundamental de cada criatura; à natureza da matéria primeira (q. 10); ao conhecimento da alma separada (qq. 12-13); às relações entre a inteligência e a vontade (qq. 14-19), onde sobressai o carácter superior (mormente contra Tomás de Aquino) e a radical liberdade desta última faculdade espiritual; ou à temática da possível eternidade do mundo (qq. 7-8), que como é sabido dividia então intensamente os mestres de Paris.

Como já está provado, Henrique de Gand retomará algumas destas questões numa nítida evolução mental, o que testemunha a incidência das polémicas intelectuais do seu tempo na constante (re-)formulação da síntese gandavense. Sabemos como o autor começou por aderir a determinadas posições aristotélicas, que abandonou progressivamente por razões de ordem endógena ao seu sistema, cada vez mais confrontado — e decerto retirando daí a sua autoconsciência — com as exigências fundamentais do seu autor e época. É o que acontece com a sua adesão quase integral à teoria peripatética da abstracção e do conhecimento intelectual, enquadrada no entanto por um conjunto de referências augustinianas, como a teoria do *verbum* e da *illuminatio*. Sabemos depois de Th. Nys como a partir de 1279 o Gandavense renunciará à importante questão da *species impressae*, acabando por admitir que em todas as formas do conhecimento, e bem assim nos seus 'sujeitos', se estabelece uma relação *imediate* que exclui os referidos intermediários. Ora, — facto significativo —, aquela rejeição na esfera gnoseológica depende de uma concepção e evolução metafísica (neoplatónico-augustiniana) que não pode admitir que a alma suporte passivamente a determinação dos sensíveis, visando-se com ela a restituição da primazia e da espontaneidade de todo o acto cognitivo²⁵.

Assim sendo, e não obstante o primeiro e, dir-se-ia, inevitável fascínio das direcções que o novo Aristóteles — pensador aquém de qualquer teologia — suscitava e programaticamente rasgava (com relevo para a sua «cristianização»), Henrique de Gand permanecerá essencialmente um «platónico», na linha do que Gilson designou como a tradição do «augustinismo avicenziano»²⁶. Entre os vários casos de evolução, conta-se a defesa da unicidade da forma substancial no homem (q. 4), a qual, no *Quodlibet II*, se transforma claramente na emblemática tese antitomista da *forma corporeitatis* (q. 2) ou de um «dimorfismo» no homem, cuja elaboração cada vez mais requintada retomará nos *Quodlibeta* seguintes (em particular o III e o IV)²⁷. Igualmente, entre outros, é notória a evolução no domínio da subsistência da matéria primeira ou no da interpenetração da inteligência e da vontade num índice claro do «espiritualismo» henriquino, como já ficou estudado²⁸.

No ano de 1991 será publicado o primeiro dos quinze volumes previstos para a edição completa da *Summa*, projecto só possível graças ao concurso dos Estados belga e alemão. Tal como aconteceu com os *Quodlibeta* (em particular o I, o IX e o X) esta nova edição de R. Macken (que podemos consultar em um jogo de provas) afigura-se-nos modelar no método empregue e inovadora pelas conclusões alcançadas²⁹. A tese outrora polemicamente avançada pelo erudito franciscano, e já aqui aludida, relativa às correcções de autor confirma-se lapidariamente com esta edição da *Summa*. A propósito, e porque esse texto não surge com correcções de copista, presume-se que a *Lectura Ordinaria* poderá ser um «*liber magistris*», que Henrique de Gand não tinha a intenção de editar portanto³⁰.

Como é sabido, Henrique de Gand refere sempre aquela sua obra como *Quaestiones* (mas o título de *Summa* aparece no primeiro exemplar universitário e pode ter sido até atribuído pelo próprio Henrique de Gand o mais tardar em 1289). Ela contém parte do seu ensino regular de teologia e, apesar de incompleta (é presumível que o autor tivesse chegado a construir um plano completo da obra que incluiria um «*De Creaturis*»), representa o coroamento de toda a sua imponente síntese teológica. Com uma crítica à teologia de orientação aristotélica, Henrique de Gand prepara o terreno que João Duns Escoto apenas explorará³¹. Numa espécie de revolução «diltheyana», o teólogo de Gand abandonará definitivamente toda a pretensão da teologia em se erguer como ciência (na acepção aristotélica) e, admitindo a validade da distinção albertino-tomista entre fé e razão³², considerará esta diferença na fundamentação de uma teologia assente na fé como tipo de conhecimento superior³³.

L. Hödl, autor da importante Introdução ao Projecto-Suma, no § 6 («*Histoire de la genèse et de l'influence postérieure de la 'Summa'*»), lembra que a obra passou despercebida até ao final do séc. XIII³⁴. Henrique de Gand pode tê-la editado por volta de 1292 em duas partes (I.º: aa. 1-52; II.º: aa. 53-75), mas o facto do seu inacabamento e desigual conteúdo literário e doutrinal também nos pode sugerir uma edição póstuma³⁵. Em todo o caso, Henrique de Herford já testemunhava o valor da obra nestes termos: «No segundo ano do [rei] Adolfo [de Nassau] [1292], — à margem], o 'doutor solene' Mestre Henrique de Gand começou algo de muito célebre, ele escreveu uma *Summa de Teologia*. Devida à sua extensão e à sua difícil e complicada escrita, ela é pouco acessível aos menos dotados, mas um grande número de pessoas perspicazes por ela anseiam, devido ao facto da sua extrema riqueza e fecundidade e da subtilidade penetrante e admirável profundidade das suas concepções»³⁶.

Pelas razões que se tornarão claras já de seguida, gostaríamos de aludir aqui à sugestão avançada nesta edição por R. Macken relativamente à secção «*De Creaturis*». O editor examinou atentamente o sistema de reenvios de Henrique de Gand deparando-se com significativas alusões ao jeito de «ut debet exponi loquendo de creaturis». No mo-

mento em que redigia os artigos 31 a 34 Henrique de Gand tinha ainda a intenção de completar a obra, pôde concluir-se. Se idêntica indagação for levada a cabo em todos os artigos que faltam editar, poderemos dizer, entre outras coisas, que se tinha recuperado uma parte significativa dessa secção. Impossível deixar de frisar como seria importante para o estudioso a posse de tais listas, ao facultar-lhe os temas concretos que Henrique de Gand teria intenção de tratar a partir do seu esquema de trabalho. Na sua divisão, a *Summa* segue o esquematismo privilegiado por vezes nos *Quodlibeta* e que ocorre já na *Lectura Ordinaria*. Referimo-nos à temática, comum na época, do *exitus/reditus* autêntico vector estrutural do caminho da teologia e que anima poderosamente a «meta-física» do Gandavense.

Pela sua importância histórica e filosófica e como índice do que poderíamos considerar o cerne da sua filosofia (a tendência metafísica neoplatónica profunda em que radicam sistematicamente os restantes capítulos), relevo especial deverá merecer-nos a problemática da possível eternidade do mundo (*Quodl.* I, qq. 7-8), onde Henrique de Gand desenvolve uma prova, pela fé e pela razão, da temporalidade radical de toda a criatura³⁷.

Recorde-se, a propósito, testemunhando a actual importância do tema e da polémica, que a questão genérica da eternidade do mundo tem conhecido, desde os finais do século passado, importantes estudos de carácter histórico e filosófico³⁸. Crescem, além disso, a bom ritmo e qualidade as edições das questões inéditas sobre o presente tema que ocupou autores como (e a título meramente ilustrativo) Grosseteste, Alberto Magno, Ricardo Fishacre, Guilherme de Baglione, Boaventura, Tomás de Aquino, Sigério de Brabante, Boécio de Dácia, J. Peckham, Egídio Romano, Godofredo de Fontaines, Egídio de Orleães, Guilherme de Alnwick, Guilherme de Ware, João de Jandun, Buridano, entre muitos outros. L. Bianchi já perseguiu, numa pertinente estratégia de «longue durée», a história deste problema, cujo «paradigma» se terá encerrado eventualmente com Newton³⁹.

Entre 1267, ano em que Boaventura prega o *De decem praeceptis*, e 1277, em que ocorre a mais vasta condenação de toda a cosmovisão pagã, Paris vive um decénio de grande efervescência intelectual e de não menor escândalo. Em questão estavam aspectos de interpretação do texto aristotélico, para além de concepções físicas (tempo, espaço, matéria, movimento, infinito), cosmológicos (corpos celestes), psicológicas e noéticas (inteligências), teológicas (como pensar Deus?) e metafísicas (qual o conceito de criatura?), suscitadas igualmente pelo comentário às *Sentenças* do Lombardo. Como já aqui se lembrou, Henrique de Gand fez parte da comissão presidida por E. Tempier donde saiu intempestivamente a referida lista de «erros», que presumivelmente elencava e punha fim à difusão da *Weltanschauung* pagã. Muitos deles abraçavam o eternalismo nas suas várias facetas, podendo encontrar-se nessa lista, o «erro» seguinte: «Quod mundus, licet sit factus de nihilo, non

tamen est factus de novo; et quamvis de non esse exierit in esse, tamen non esse non praecessit duratione, sed natura tantum⁴⁰.

Na questão da possível eternidade do mundo (que podia contrariar a afirmação fundamental do *Génese*) o Gandavense opõe-se não só ao «agnosticismo» tomista, acolhido v. gr. pelo Mestre em Artes, Boécio de Dácia, como ainda elabora uma argumentação preciosa (vd. também as q. 2 e 9 do mesmo *Quodlibet*) que condena a doutrina avicénica de uma criação necessária, eterna e concebida numa cascata de intermediários, como é específico do neoplatonismo, então fortemente condicionado pela obra traduzida sob o título de *Liber de Causis* e pelos comentários a ela dedicados⁴¹. Não obstante o facto de a tese gandavense se inserir na tradição conservadora bonaventuriana, a sua quota-parte de originalidade advém-lhe do facto de depender da já referida peculiar estrutura metafísica da criatura (q. 9: «Utrum ipsa essentia creaturae sit suum esse»⁴²) e de chegar a ser realizada no quadro da sua doutrina das relações (*respectus*⁴³), para além de levar corajosamente a sério a temática neoplatónica da emanação. Acresce o modo específico de Henrique de Gand determinar a questão, que obedece a uma particular metodologia de exame intelectual caracterizado por um sempre relevante — e já aqui sublinhado — levantamento da tradição e por um preciso estabelecimento do *status quaestionis*. Para este efeito são convocadas, na dupla *quaestio* 7-8, as seguintes autoridades: os Evangelhos; Aristóteles; Ambrósio; Agostinho; os Pseudo-Agostinhos, Virgílio Thapsensis e Fulgêncio Ruspensis; Avicena; Averróis; Alberto Magno e Tomás de Aquino⁴⁴.

Dado que esta dupla «questão» — tão cara a Ockham — já foi exemplarmente estudada por R. Macken, bastar-nos-á aproveitar o presente ensejo para apenas sublinhar uma interessante pista aberta por aquele estudioso⁴⁵. Referimo-nos à possível inserção da *quaestio* na contradependência da tese de Sigério de Brabante. J. Paulus reconheceu algumas «concordâncias curiosas» entre o autor brabantino e Henrique de Gand, seu compatriota. Agora, conforme afirma Macken: «Rien ne nous empêche toutefois de penser que les positions de Siger et de ses partisans son également visées par Henri, quand il décrit la position d'Avicenne comme une seconde forme de «l'opinion des philosophes», déjà plus proche de la position chrétienne. Peu-être même visait-il, par ces attaques, ces artiens pour autant qu'ils avaient commencé à 'contaminer' certains membres de la faculté de théologie»⁴⁶.

Não são relevantes, neste contexto, as recentes relativizações do trabalho sigeriano, quer quanto ao seu contributo na cisão universitária quer quanto à «evolução do seu eternalismo»⁴⁷. De facto, independentemente de o grupo teológico «conservador», no qual Henrique de Gand se insere, poder reconhecer na tese «tomista» de Egídio Romano o seu verdadeiro objecto a refutar, o autêntico «diálogo de surdos» que caracterizou os extremos da polémica e a evidente intenção de suspeita para com o conteúdo manifesto e latente das teses dos Artistas, permite-nos encarar a proposta de R. Macken. Este autor lembra que em carta

dirigida a Pedro de Conflans (10-11-1284), João Peckham recordava um erro «de há vinte anos» (tratava-se, no caso, da unidade da forma substancial), que ele remetia para o grupo de Sigério. Peckham, em carta de 7 de Dezembro do mesmo ano, afirmava que a bula *Flumen aquae vivae* (dirigida a E. Tempier por João XXI, mas que nunca chegou a ser executada) visaria teses tomistas. Efectivamente, o primeiro título daquela dupla *quaestio* («utrum creatura potuit esse ab aeterno») é revelador de como se trata aí de enfrentar o problema da ausência de contradição interna na defesa de uma possível criação eterna. Ora, na sua *quaestio*, depois de apresentar o «philosophorum dictum aperte haereticum» (p. 30, l. 65), que consistia na posição necessitarista avicénica, Henrique de Gand passa ao exame de tese de contingência, primeiramente ainda de acordo com o modelo avicénico da creatio (p. 33, l. 54 sg.) e, em segundo lugar, à «maneira católica» (*modo catholici*).

Um necessário estudo aprofundado que eventualmente procure confirmar ou infirmar a hipótese avançada pelo intérprete belga deverá situar-se no quadro mental específico em que nas qq. 7-8 Henrique de Gand apresenta a sua tese (não será ainda desinteressante compará-las com o texto do comentário autógrafa sobre o *Génese*⁴⁸). Naquela sua apresentação (p. 34, l. 64 sg.), destacaríamos primeiro a clássica interrogação sobre a imprescritibilidade da vontade divina remetida por Henrique de Gand para Agostinho (*De diu. quaest.* 83, q. 28), mas que no século XIII é tópico heurístico em Tomás de Aquino e nos Mestres das Artes, Boécio de Dácia, Sigério de Brabante, no Anónimo publicado por Ph. Delhaye⁴⁹, ou, como muito recentemente mostrou Kuksewicz, em Egídio de Orleães⁵⁰. O que o Gandavense ali escreve enfrenta adequadamente a posição agnóstica de T. de Aquino, de um Boécio de Dácia, de um Egídio Romano: «Qui et cum hoc dicunt, quod sola fide tenetur creaturam non semper fuisse nec demonstrative probari posset...»

Agostinho, na sua intemporal análise do Tempo (*Conf.* XI), enfrentara o difícil problema de compaginar a eternidade de Deus com a temporalidade da criatura realizada pelo acto criador: se Deus é o criador eterno, não terá sido eterna a sua criação? E se Deus é eternamente criador, não é isso incompatível com a «criação», dado que então Ele nunca criou, de facto, em «tempo» algum? Terá sido, efectivamente, dentro desta aparente aporia, que surgiu a questão relativa ao «antes» da criação. Apesar do que Agostinho pretende, muito pouco ociosa, aquela pergunta remete para um «tempo» específico à divindade, o tempo da decisão (*voluntas*) criadora, contra o qual se deverá inscrever, numa nova ordem, a radical diferença da criatura⁵¹. Não obstante a apenas relativa especificidade do Tempo semítico⁵², foi a metafísica grega que moldou e condicionou todo este problema pelo que será mais contra a categoria greco-latina da Eternidade (Platão, Boécio e Aristóteles) que se desenha a diferença a salientar: a criatura está marcada pelo tempo, pelo constante devir em que o movimento da realidade consiste. Porém, se a análise metafísica de Tomás de Aquino sobre o

conceito de criatura não via qualquer contradição ou incompatibilidade lógica na ideia de uma criatura eterna — fazia-se, para tal, abstracção do seu *hic et nunc* —, o mesmo já não seria admissível para Boaventura e a sua posteridade. Naquela que terá sido uma das suas primeiras obras, conhecidas, ao comentar o primeiro verbo do livro do *Génese*, «creavit», Henrique de Gand escrevia já: «Dizemos, portanto, que Deus 'criou' isto é, que gerou 'o céu e a terra' a partir do nada, ou seja, depois do não-ser absoluto, não, contudo, posteriormente à natureza ou à essência, mas à duração. Não pelo facto de o tempo ser anterior, mas porque com o tempo se inicia a existência, preexistindo em duração infinita a eternidade» — afirmação que, como se vê, contraria directamente o oitavo «erro» da lista de 1277 supra citado⁵³.

É justamente na prova da necessidade de uma *temporalidade radical* em todo o ser criado, que se segue contra a conclusão «tomista» recordada pelo autor (p. 34, l. 73-76), ou seja, é fundamentalmente em torno de um particular entendimento da «criatura», que Henrique de Gand se oporia metafisicamente à conhecida posição de Sigério na *quaestio*, anterior a 1270, «Utrum haec sit vera: homo est animal nullo homine existente». Abordando aí expressamente a eternidade do mundo — como é seu hábito metodológico, confirmado também pela redacção do seu mais tardio e mais ortodoxo *De aeternitate mundi* — Sigério recusa aquela hipótese avançada, pelo facto de a espécie humana ser eterna, concluindo, por isso, ser impossível que em qualquer momento não exista nenhum homem⁵⁴. Ao contrário, o Doutor Solene tratará de provar — seis anos depois da «questão» sigieriana e poucos meses antes da condenação de 1277 — que, devendo a existência a uma acção voluntária de Deus que tudo cria no tempo a partir do nada (*ex nihilo*), a criatura em nenhum momento pôde ser eterna: «Deve dizer-se absolutamente: a criatura, enquanto criatura, criada voluntariamente por Deus, não pode existir desde a eternidade, o que seria contraditório, pelo facto de que o que não tem começo é suposto ter a existência por si próprio e não a ter recebido de outro a partir do não-ser. Deste modo, enquanto criatura, ela recebeu a existência a partir do não-ser, por Deus»⁵⁵.

Apesar do quadro metafísico em vigor, dificilmente uma metafísica exclusivamente helénica seria capaz de ser sensível ao problema do não-ser de forma tão intensa. Faltava-lhe a ideia nuclear da criação «a partir do nada», como princípio radical do tempo e manifestação absoluta da onnipotência divina, contra o cenário da experiência religiosa da transitoriedade de toda a criatura e da experiência do poder «demoníaco» na história e no homem. Para Henrique de Gand, a criatura não só foi criada a partir do nada, em um tempo passado, como sobretudo o próprio nada será o constituinte radical do seu ser no tempo. No quadro de uma metafísica exemplarista, esta concepção fundamentará um finalismo metafísico em que o desejo terá papel preponderante. Nesta linha, o autor já foi apresentado e caracterizado como um «metafísico da inquietude humana», aspecto que se inscreve num particular «dina-

mesmo da *essência*» que orienta a vida do homem no sentido da autenticidade augustiniana e da rectidão anselmiana⁶⁶.

Cremos antever um programa especulativo nessa sua equação entre o não-ser e o *esse existentiae* da criatura. Sublinhe-se que a alegada prova da não-etermidade da criatura se desenvolvia a partir de uma concepção relativa à criação entendida como passagem, ao nível das «essências», de um estado *esse essentiae* ao de *esse existentiae*. A «transformação» em que consiste a passagem de um estado de não existência ao da existência efectiva configura bem a amplitude da (de-) limitação dos entes e da sua dependência radical (vd. *Quodl.* XV, q. 9) indiciadora de um insuspeitado e vasto problema, que gostaríamos de desenvolver numa investigação futura. Recorde-se como de Platão a Hegel, de Dante ao solilóquio de Hamlet, da angústia patológica à sua expressão contemporânea nas artes, a presença do Nada atravessa a história intelectual do Ocidente, não obstante o mal-grado da lógica se ela se afasta da «essência do pensamento»⁶⁷. É sabido como perigosamente a ala teológica conservadora extraía dali toda uma ideologia e casuística de características cerceadoras. Será por isso que o *tempo eterno* dos 'aristotélicos radicais' do século XIV anuncia uma nova ordem e sensibilidade para com a continuidade e transfinitude, de vastíssimas aplicações⁶⁸. O desafio consistirá hoje em voltar a recuperar aquela matriz, construindo uma nova ordem filosófica que não seja signo escatológico da infelicidade.

Entre outros domínios, talvez seja este o primeiro grande desafio que oportunamente a edição crítica das obras de Henrique de Gand nos vem colocar neste dealbar de um novo milénio*.

MARIO A. SANTIAGO DE CARVALHO

NOTAS

¹ *Opera Omnia Henrici de Gandavo*, Editionem coordinat Raymond Macken, O. F. M. (De Wulf-Mansioncentrum. Series 2), Leuven-Leiden, University Press-E. J. Brill. Volumes já editados:

Vol. I: R. Macken, *Bibliotheca manuscripta Henrici de Gandavo*, I Introduction, Catalogue A-P, Préface de M. F. Masai, 1979, xvii+677 p.

Vol. II: R. Macken, *Bibliotheca manuscripta Henrici de Gandavo*, II Catalogue Q-Z, Répertoire, 1979, iv+678-1306 p.+34 ilustrações.

Vol. V: *Quodlibet I*, Edidit R. Macken, 1979, xciv+262 p.+12 ilustrações.

Vol. VI: *Quodlibet II*, Edidit R. Wiclockx, 1983, xlviii+166 p.

Vol. X: *Quodlibet VI*, Edidit G. A. Wilson, 1987, lxvi+313 p.+2 ilustrações.

Vol. XIII: *Quodlibet IX*, Edidit R. Macken, 1983, xcii+362 p.

Vol. XIV: *Quodlibet X*, Edidit R. Macken, 1981, cxxvi+333 p.+8 ilustrações.

Vol. XVI: *Quodlibet XII, quaestiones 1-30*, Edidit J. Decorte, 1987, lxvi+276 p.

Vol. XVII: *Tractatus super facto praelatorum et fratrum (Quodlibet XII, quaestio 31)*, Ediderunt L. Hödl & M. Haverals. Cum Introductione historica L. Hödl, 1989, clxx+292 p.

Vol. XVIII: *Quodlibet XIII*, Edidit J. Decorte, 1985, lxxxiii+265 p.+4 ilustrações.

Vol. XXXI: *Lectura ordinaria super S. Scripturam* (attributed), Edidit R. Macken 1980, xxxi+291 p.+4 ilustrações.

Sobre o método e o projecto da presente edição, vd. R. Macken, «Les premiers volumes des 'Opera Omnia' d'Henri de Gand» *Bulletin de Philosophie Médiévale* 21 (1979), 86-97; ID., «De Volledige Werken van Hendrik van Gent», *Akademische Tijdingen* 14 (1979), 1-4; ID., «Die Editionstechnik der 'Opera Omnia' des Heinrich von Gent», *Franziskanische Studien* 63 (1981), 227-239; ID., «Der Aufbau eines wissenschaftlichen Unternehmens: die 'Opera Omnia' des Heinrich von Gent», *ibid.* 65 (1983), 82-96; H. Bascour, «L'édition des 'Opera Omnia' d'Henri de Gand», *Recherches de Théologie ancienne et médiévale* 47 (1980), 278-280; R. Hissette, «L'édition des 'Opera Omnia' d'Henri de Gand», *Revue d'Histoire ecclésiastique* 75 (1980), 558-560; F. Van Steenberghen, «Les premisses des 'Opera Omnia' d'Henri de Gand», *Revue Philosophique de Louvain* 78 (1980), 281-286; J. V. Brown, «The 'Opera Omnia' of Henry of Ghent, New Edition», *Studi Medievali* 22 (1981), 953-957; L. Hödl, «Zur kristischen Neuausgabe der Summa des Heinrich von Gent (Eine Voranzeige)», *Franziskanische St.* 69 (1987), 144-158.

² *Men of Achievement*, Cambridge, 1988, 449.

Refira-se aqui a situação actual (Novembro 1990) do plano de edições. No prelo estão os seguintes volumes: Vol. XI: *Quodlibet VII*, Edidit G. Wilson; Vol. XXVII: *Summa (Quaestiones ordinariae)*, art. XXXI-XXXIV, Edidit R. Macken. Introductionem generalem ad editionem Summae scripsit L. Hödl. Em fase de preparação: *Quodlibet III* (ed. Kent Emery Jr.); *Quodlibet IV* (ed. S. P. Marrone); *Quodlibet V* (ed. S. D. Dumont); *Quodlibet VIII* (ed. P. Porro); *Quodlibet XI* (J. Decorte); *Quodlibet XIV* (ed. J. V. Brown e B. P. Buchwald, —pronto); *Summa aa. XVII-XXX* (ed. R. Macken); *Summa aa. XXXV-XL* (ed. G. A. Wilson, —pronto); *Summa aa. XLVII-LII* (ed. M. Führer); *Quaestiones super VIII libros Physicorum* (ed. J. V. Brown e B. P. Buchwald); *Synkategoremata* (H. A. G. Braakhuis).

³ Sem podermos ser exaustivos, destacaremos, entre muitos outros (já para cima de meia centena), os seguintes trabalhos, e a

título exclusivamente ilustrativo de duas décadas consagradas à exegese de um amplo leque do pensamento de Henrique de Gand: «L'argumentation contre une éternité possible du monde chez Henri de Gand» in *De Doctrina Ioannis Duns Scoti* (Acta Congressus Scotistici Internationalis, Oxonii et Edinburgi 11-17 sept., 1966), Roma, I, 1968, 309-323; «De radicale tijdelijkheid van het scheepsel volgens Hendrik van Gent», *Tijdschrift voor Filosofie* 31 (1969), 519-571; «Les quodlibets d'Henri de Gand et leur 'exemplar' parisien», *Recherches...* 37 (1970), 75-96; «La temporalité radicale de la créature selon Henri de Gand», *Ibid.* 38 (1971), 211-272; «La théorie de L'illumination divine dans la philosophie d'Henri de Gand», *Ibid.* 39 (1972), 82-112; «Les corrections d'Henri de Gand a ses Quodlibets», *Ibid.* 40 (1973), 5-51; «La volonté humaine, faculté plus élevée que l'intelligence selon Henri de Gand», *Ibid.* 41 (1974), 5-51; «La subsistance de la matière première selon Henri de Gand» in *San Bonaventura maestro di vita francescana e di sapienza cristiana* (Atti del Congresso Internazionale per il VII centenario di San Bonaventura di Bagnoregio, 19-26 sett. 1974), Roma, II, 1976, 107-115; «Heinrich von Gent im Gespräch mit Zeitgenossen über die menschliche Freiheit», *Franziskanische St.* 59 (1977), 125-182; «La liberté humaine dans la philosophie d'Henri de Gand» in: *Regnum Hominis et Regnum Dei* (Acta Quarti Congressus Scotistici Internationalis 1976), Roma, 577-584; «Le statut de la matière première dans la philosophie d'Henri de Gand», *Recherches...* 46 (1979), 130-181; «Unité et dimorphisme de l'homme selon Henri de Gand», *Teoria e Prassi* (Atti del Congresso Internazionale Genova Barcelona 1976), Nápoles, I, 177-182; «Hendrik van Gent (Henricus de Gandavo), wijsgeer en theoloog» in: *Nationaal Biografisch Woordenboek*, Bruxelas, 1979, 377-395; «Deseo natural y vocación sobrenatural del hombre en la filosofía de Enrique de Gand» in *La filosofía del cristiano, hoy* (Primer Congreso Mundial de Filosofía Cristiana, Córdoba, 21-28 octubre, 1979), Córdoba, II, 1980, 839-846; «Les diverses applications de la distinction intentionnelle chez Henri de Gand» in *Sprache und Erkenntnis im Mittelalter* (Miscellanea Mediaevalia, 13, 2), Bona, 1981, 769-776; «Sinderesi e coscienza nella filosofia di Enrico di Gand» in *Metafisica e scienze dell'uomo* (Atti del VII Congresso Internazionale, Bergamo 4-9 settembre 1980), Roma, II, 1982, 381-387; «Selbstverwirklichung des Menschen in der Philosophie des Heinrich von Gent» in *Renovatio et Reformatio* (Festschrift für L. Hödl zum 60. Geburtstag) hersg. v. M. Gerwing und G. Ruppert. Münster, 1985, 131-140; «God as 'primum cognitum' in the Philosophy of Henry of Ghent», *Franziskanische St.* 66 (1948), 309-315; «L'illumination divine concernant les vérités révélées chez Henri de Gand», *Journal Philosophique* 5 (1985), 261-271; «L'interpénétration de l'intelligence et de la volonté dans la philosophie d'Henri de Gand» in *L'Homme et son univers au Moyen-Âge* (Actes du Septième Congrès International de Philosophie Médiévale), Lovaina-a-Nova 1986, 808-814; «Dios como primer objeto de la voluntad humana en la filosofía de Enrique de Gante», in: *El humanismo y la metafísica cristiana en la actualidad*, México, 1986, IV 463-472; «Human Friendship in the Philosophy of Henry of Ghent», *Franziskanische St.* 70 (1988), 176-184; «Synderesis and Conscience in the Philosophy of Henry of Ghent», *ibid.* 70 (1988), 185-195; «Will and intellect according to the Philosophy of Henry of Ghent», *ibid.* 71 (1989), 159-167.

⁴ De Wulf escreveu o seu primeiro trabalho sobre Henrique de Gand em 1894 («L'exemplarisme et la théorie de l'illumination dans la philosophie d'Henri de Gand», *Revue Phil. de Louvain* 6, 183-75; seguir-se-ão os *Etudes sur Henri de Gand* (Lovaina, Paris, 1894), publicitados pela sua *Historie de la Philosophie scolastique dans les Pays-Bas et la Principauté de Liège* (Paris, 1895) e a *Histoire de la Philosophie en Belgique* (Paris, 1910). O eminente P. Duhem acolhe Henrique de Gand no seu monumental *Le Système du Monde* (Paris, 1913 s.) e outros

estudos temáticos parciais poderão ser aqui citados, anteriormente ao aparecimento da importante obra de Jean Paulus (*Henri de Gand. Essai sur les tendances de sa métaphysique*, Paris, 1938): K. Werner, «Heinrich von Gent als Representant des christlichen Platonismus in dreizehnten Jahrhundert», *Denkschriften der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften* (Philosophisch- und Historische Klasse) Bd. 28, Viena, 1878, 97-154; J. Lichteferd, *Die Ethik Heinrichs von Gent in ihren Grundzügen* (Graefenhainichen, 1096); R. Braun, *Die Erkenntnislehre Heinrichs von Gent* (Freiburg, 1916); J. Benes, «Valor possibilium» apud S. Tomam, Henricum Gandensem, B. Jacobum de Viterbo», *Divus Thomas*, 3: 1926, 612-634; 4: 1927, 94-117 e 333-355). Ainda: M. Schölgien, *Das Problem der Willensfreiheit bei Heinrich von Gent. Ein Beitrag zur Geschichte des Kampfes zwischen Augustinismus und Aristotelismus in der Hochscholastik* (Dusseldorf, 1927; rep. anast.: Hildesheim, 1975) e os vários estudos de E. Hocedez: «Gilles de Rome et Henri de Gand sur la distinction réelle», *Gregorianum*, 8 (1927), 358-385; «Le premier Quodlibet d'Henri de Gand», *ibid.*, 9 (1928), 92-117; «Deux questions touchant la distinction réelle de l'essence et de l'existence», *ibid.*, 10 (1929), 365-386; «La condamnation de Gilles de Rome», *Recherches...* 4 (1932), 34-58. São ainda de assinalar W. Wittenbrück, *Die Gewissens-theorie bei Heinrich von Gent und Richardus von Mediavilla* (Eberfeld, 1929); E. Dwyer, *Die Wissenschaftslehre des Heinrich von Gent* (Wurzburg, 1933) e, pela sua importância documental, os seguintes trabalhos de P. Glorieux: *Répertoire des maîtres en Théologie de Paris au XIIIe. siècle*, 2 vols, Paris, 1933-34 e *La littérature Quodlibetique* II, Paris, 1935.

Particular destaque deve merecer-nos a obra de José Gómez-Caffarena, *Ser participado y ser subsistente en la metafísica de Enrique de Gante* (Roma, 1958), trabalho precedido pela sua importante «Cronologia de la 'Summa' de Enrique de Gante por relación a sus 'Quodlibeta'», *Gregorianum*, 38 (1957), 116-133; este esforço de estabelecimento cronológico pode ainda hoje ser levado em consideração, não obstante as diferenças que o separam das referências de J. Paulus e de A. San Cristóbal-Sebastian (*Controversias acerca de la voluntad desde 1270 a 1300*, Madrid, 1958). Entre estas duas datas — balisa (1938-1958), dois estudos merecem particular destaque: P. Bayerschmidt, *Die Seins- und Formmetaphysik des Heinrich von Gent in ihrer Anwendung auf der Christologie. Eine philosophie- und dogmengeschichtliche Studie* (Beiträge... Bd. 36, 3/4, Münster, 1941) e Th. Nys, *De Werking van het menselijk verstand volgens Hendrik van Gent* (Lovaina, 1949; publicitado em resumo, sob o título, *De psychologia cognitionis humanae secundum Henricum Gandavensem*, Excerpta ex dissertatione ad lauream in Facultate Philosophica Pontificiae Universitatis Gregorianae, Roma, 1949). Entretanto, durante os cinquenta anos referidos, foram basicamente quatro os principais temas de estudo. Primeiramente a teologia: J. Beumer, «Theologische und mystische Erkenntnis. Eine Studie im Anschluss an Heinrich von Gent, Dionysius den Kartäuser und Josephus a Spiritu Sancto», *Zeitschrift für Ascese und Mystik*, 16 (1941), 62-78; M. de Goicoechea y Viteri, *Doctrina Mariana de Enrique de Gante*, Lima, 1943; C. O. Vollert, *The Doctrine of Hervaeus Natalis on Primitive Justice and Original Sin. As Developed in the Controversy on the Original Sin during the Early Decades of the Fourteenth Century*, Roma, 1947; F. Leite de Faria, «L'opinion d'Henri de Gand sur la conception de la Sainte Vierge», *Marianum*, 16 (1954), 290-316 e do mesmo autor: «L'attitude des théologiens au sujet de la doctrine d'Henri de Gand sur la conception de la Sainte Vierge», *Etudes Franciscaines*, 5 (1954), 133-152.

Em segundo lugar, a gnoseologia: R. Bourgeois, «La théorie de la connaissance intellectuelle chez Henri de Gand», *Revue de Philosophie*, 36 (1936), 238-259; H. Rüßmann, *Zur Ideenlehre der Hochscholastik unter*

besonderer Berücksichtigung des Heinrich von Gent, Gottfried von Fontaines und Jacob von Viterbo, Freiburg Br., 1938; E. Bettoni, *Il processo astrattivo nella concezione di Enrico di Gand*, Milão, 1954.

Em terceiro lugar, a metafísica: J. Paulus, «Les disputes d'Henri de Gand et de Gilles de Rome sur la distinction de l'essence et de l'existence», *Archives d'hist. doct. et litt. du moyen âge*, 15-17 (1940-42), 323-358; T. Barth, «De tribus viis diversis existentiam divinam attingendi. Disquisitio historico-collativa inter St. Thomam, Henricum Gandavensem, Duns Scotum», *Antonianum*, 18 (1943), 91-117. Finalmente, a antropologia: A. Maurer, «Henry of Ghent and the unity of Man», *Medieval Studies*, 10 (1948), 1-20; Assinalaremos ainda as contribuições de G. de Lagarde, no capítulo da filosofia social e política: «La philosophie sociale et politique d'Henri de Gand et Godefroid de Fontaines», *Archives d'hist. doct. et litt. du moyen âge*, 18 (1943), 73-142 e de A. Koyré, no domínio da filosofia natural, «Le vide et l'espace infini au XIVe siècle», *Archives d'hist. doct. et litt. du moyen âge* 17 (1949), 45-91.

O princípio dos anos setenta marca uma nova época na investigação sobre Henrique de Gand. Em 1968, R. Macken defendia a sua Tese doutoral, em Lovaina, e em 1972 publicava-se a *Lectura Ordinaria* (Lovaina-París), obra que apenas havia suscitado interesse à sempre atenta erudita B. Smalley («A Commentary on the Hexameron by Henry of Ghent», *Recherches...* 20 (1953), 60-101); por último, em 1979 saíam do prelo os primeiros volumes da série dos «Opera Omnia». No interim, alguns títulos devem ser aqui citados; paulatinamente a gnoseologia tomará o lugar da metafísica no núcleo dos interesses dos modernos comentadores (sobre a gnoseologia, vd. adiante nota 9): G. Bortolaso, «L'essere partecipato e l'essere sussistente nella metafísica di Enrico di Gand», *La Civiltà Cattolica*, 110 (1959), 180-185; Z. K. Siemiatkowska, «Avant l'exil de Gilles de Rome. Au sujet d'une dispute sur les 'Theorematum de esse et essentia' de Gilles de Rome», *Mediaevalia philosophica Polonorum*, 7 (1960), 3-67; J. M. Rovira Belloso, *La visión de Dios segun Enrique de Gand*, Barcelona, 1960; G. Cannizzo, «La doctrina del 'verbum mentis' in Enrico di Gand», *Rivista di fil. neo-scolastica*, 54 (1962), 243-266; W. Hoeres, «Wesen und Dasein bei Heinrich von Gent und Duns Scotus», *Franziskanische St.* 47 (1965), 121-186; A. Siemianowski, «La théorie de l'existence réelle et les modes d'existence chez Henri de Gand», *Roczniki Filozoficzne* 13 (1965), 33-41 e «L'idée de l'infini chez Henri de Gand», *ibid.*, 16 (1968), 105-111; St. Brown, «Avicenna and the unity of the concept of being. The interpretation of Henry of Ghent, Duns Scotus, Gerard of Bologna and Peter Aureoli», *Franciscan Studies*, 25 (1965), 117-150; D. E. Dubrulé, *Divine Infinity in the Writings of Henry of Ghent*, Toronto, 1968; A. C. Pegis, «Toward a new Way to God: Henry of Ghent», *Medieval Studies*, 30 (1968), 226-247 (este autor prosseguiu o tema em *The Monist*, 54: 1970, 317-358 e *Medieval Studies*, 33: 1971, 158-179); F. A. Cunningham, «Some presuppositions in Henry of Ghent», *Pensamiento* 25 (1969), 103-143; J. Wippel, «Godfrey of Fontaines and Henry of Ghent's theory of intentional distinction between essence and existence» in: *Sapientiae Procerum Amore*. Mélanges Médiévaux offerts à Dom J. P. Müller, ed. par Th. W. Köhler, Roma, 1974, 289-321; G. Fioravanti, «Forma ed essere in Enrico di Gand; preoccupazioni teologiche ed elaborazione filosofica», *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, Classe di Lettere e Filosofia*, Serie III, vol. V: 3, 1975, 985-1031; A. Zimmermann, *Ontologie oder Metaphysik? Die Diskussion über den Gegenstand der Metaphysik im 13. und 14. Jahrhundert. Texte und Untersuchungen*, Leiden — Colônia, 1965; J. Gómez — Caffarena, «Metafísica de la inquietud humana en Enrique de Gante» in: *L'Homme et son destin d'après les penseurs du Moyen Age* (Actes du premier Congrès International de philosophie médiévale), Lovaina — Paris, 1960, 629-634. Salientaremos ainda dois estudos em particular, de L. Hödl, «Neue

Wege im Schul- und Einflussbereich des Heinrich von Gent», in: *Die Metaphysik im Mittelalter* (Vorträge des II. Internationalen Kongresses für Mittelalterliches Philosophie, hersg. P. Wilpert), Berlin, 1963, 607-615 e «Neue Nachrichten über die Pariser Verurteilungen der thomastischen Formlehre», *Scholastik* 39 (1964), 178-196. Para mais bibliografia: W. Totok, *Handbuch der Geschichte der Philosophie II: Mittelalter und Früher Neuzeit*, Francoforte s. Main, 1973, 497-99, com correções a fazer, porém.

Os trabalhos surgidos a partir de finais do decénio de setenta receberam, mais ou menos, a marca significativa de R. Maken. Citaremos em primeiro lugar três teses de doutoramento: G. A. Wilson, *Dymorphism and the Metaphysical Unity of Man in 'Quodlibeta Magistri Goethals a Gandavo Doctoris Solemnis: Socii Sorbonici: et archidiaconi Tornacensis cum duplici Tabella* (Department of Philosophy of the Graduate School of Tulane University, 1975); J. Decorte, *Een avicenniserend augustinisme: metafysica, wilpsychologie en vrijheidsleer bij Hendrik van Gent*. Tekstkritische uitgave: *Henrici de Gandavo Quodlibet XIII*, q. 1-12 (Katholieke Universiteit Leuven, 2 vols., 1983); P. Porro, *Enrico di Gand nella Scolastica del XIII secolo. Una questione controversa: la natura del tempo* (Universita degli Studi di Bari, 1986-87). Finalmente alguns títulos mais recentes: J. Wippel, «The Reality of nonexistent possibles according to Thomas Aquinas, Henry of Ghent and Godfrey of Fontaines», *Review of Metaphysics* 34 (1981), 729-758; L. Hödl, «Von den korrekten, korrigierten Ausgaben der Quodlibeta des Heinrich von Gent († 1293) zur kritischen Neuausgabe (1979 f.)», *Archiv für Geschichte der Philosophie* 63 (1981), 289-304; G. A. Wilson, «Henry of Ghent and René Descartes on the Unity of Man», *Franziskanische St.* 64 (1982), 97-110; J. M. Rovira Belloso, «Sobre el método teológico en Enrico de Gand», *Revista Catalana de Teologia* 8 (1983), 191-202; J. Decorte, «Der Einfluss der Willenspsychologie des Walter von Brugge OFM auf die Willenspsychologie und Freiheitslehre des Heinrich von Gent», *Franziskanische St.* 65 (1983), 215-240; G. A. Wilson, «Henry of Ghent's critique of Aristotle's conception of Good Fortune», *Franziskanische St.* 65 (1983), 241-251; C. Berubé *De l'homme à Dieu selon Duns Scot, Henri de Gand et Olivi*, Roma, 1983; J. V. Brown, «Duns Scotus on the Possibility of Knowing Genuine Truth: The Reply to Henry of Ghent in the 'Lectura Prima' and the 'Ordinatio'», *Recherches...* 51 (1984), 136-182; ID., «The Knowledge proper to the Separated Soul: Henry of Ghent and John Duns Scotus», *Franziskanische St.* 64 (1984), 316-334; S. D. Dumont, «The quaestio 'si est' and the Metaphysical Proof for the Existence of God according to Henry of Ghent and John Duns Scotus. *ibid.* 66 (1984), 335-367; E. H. Weber, «Continuités et ruptures de l'enseignement de maître Eckhart avec les recherches et discussions dans l'Université de Paris» in: *Von Meister Dietrich zu Meister Eckhart*, hersg. K. Flasch, Hamburgo, 1984, 163-176; J. F. Wippel, «Divine Foreknowledge, divine power and human freedom in Thomas Aquinas and Henry of Ghent» in: *Divine Omniscience and Omnipotence in Medieval Philosophy*, ed. T. Rudavsky, Boston, 1985, 213-241; S. P. Marrone, *Truth & Scientific Knowledge in the Thought of Henry of Ghent*, Cambridge — Massachusetts, 1985; ID., «Henry of Ghent and Duns Scotus on the knowledge of Being», *Speculum* 63 (1988), 22-57; P. Vignaux «Métaphysique de l'Exode et l'Univocité de l'être chez Jean Duns Scot» in: *Celui qui est, interprétations juives et chrétiennes d'Exode 3, 14*, ed. par A. de Libera e E. Zum Brunn, Paris, 1986, 103-126; P. Porro, «Ancora sulle polemiche tra Egidio Romano e Enrico di Gand; Due questioni sul tempo angelico», *Medioevo* 14 (1988), 107-148 e, do mesmo autor, «Enrico di Grand sul problema della realtà del tempo in Agostino (Quodl. III, q. 11)» in: *L'Umanesimo di sant'Agostino* (Atti del Congresso Internazionale, a

cura di M. Fabris), Bari, 1988, 589-611; F. L. Peccorini, «Henry of Ghent and the Categorical Imperative: His ethic's Ultimate Reality and Meaning», *Franziskanische St.* 70 (1988), 196-213; Jean Duns Scot, *Sur la connaissance de Dieu et l'univocité de l'étant* (Introd., trad. et commentaire par O. Boulnois), Paris, 1988; Vincent Serverat, «Utrum culpa sit in Christianis ex ignorantia infidelium». Un sondage dans les relations entre Raymond Lulle et Henri de Gand», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques* 73 (1989), 369-396 D. O. Gamarra, *Esencia y Objeto*, Berna, 1990, 73-102.

⁵ Schmaus, *Der Lehrer und der Hörer der Theologie nach der 'Summa quaestionum' des Heinrich von Gent* in: *Universitas. Festschrift Albert Stohr*, I Mainz, 1960, 3.

⁶ Roland Hissette, *Enquête sur les 219 articles condamnés à Paris le 7 mars 1277*, Paris, 1977; *Aufklärung im Mittelalter? Die Verurteilung von 1277*. Das Dokument des Bischofs von Paris eingeleitet; übersetzt und erklärt von K. Flasch, Mainz, 1989. F. Van Steenberghen, *La philosophie au XIIIe siècle*, Lovaina, 1966. Com referências pontuais sobre o papel de Henrique na comissão de Tempier, vd. J. Miethke, «Papst, Ortsbischof und Universität in der Pariser Theologenprozessen des 13. Jahrhunderts», *Miscellanea Mediaevalia*, 10 (1976), 52-94.

⁷ A edição de Badius de 1518 (a ideia da edição partiu de J. Dul-laert, que faleceu pouco depois de ter iniciado o trabalho com Badius; este foi, por sua vez, coadjuvado posteriormente por G. Scaufelarius e L. Blaubomeus) serviu de base às restantes edições, de Zuccolius e Scarparius. A edição da *Summa* de H. de Gand, por Badius, é de 1520 (Paris; rep.: 1953), e a edição de Scarparius data de 1646 em Ferrara. Não se conhecem cópias de uma terceira edição de Anvers (1639), assinalada por P. Glorieux no seu célebre *Répertoire des Maîtres*, 1933, I, 390. Sobre a edição de Zuccolius, camaldolense de orientação platonizante, poderá consultar-se a nota de R. Macken publicada no *Bulletin de Philosophie Médievale* 18 (1976) 84-90.

⁸ A primeira referência moderna sobre Henrique de Gand data de 1828, a obra de um Anónimo, *Notice sur Henri de Gand dans les annales ecclésiastiques* (Gand, P. J. Van Ryckegem), mas devemos a F. Huet («Rôle d'Henri de Gand dans l'histoire de la scolastique et de l'Université de Paris», *Nouvelles archives historiques, philosophiques et littéraires*, Gand, I, 1837, 321-340 e *Recherches historiques et critiques sur la vie, les ouvrages et la doctrine de Henri de Gand, surnomé le Docteur Solennel*, Gand, 1838) o maior interesse pelo autor. Nicolas Joseph Schwartz publicava em 1860 o ponto da situação com o seu «Henri de Gand et ses derniers historiens», *Mémoires couronnés et autres mémoires de l'Académie Royale des sciences, des lettres et des beaux-arts de Belgique* (Bruxelas, 65 p.). Em todo o caso, a tarefa de eliminar as várias legendas que envolviam a biografia henriquina cabe a F. Ehrh «Beiträge zu den Biographien berühmter Scholastiker. I: Heinrich von Gent», *Archiv für Literatur- und Kirchengeschichte des Mittelalters*, I, 1885, 365-401 e 438-455, 507-508; rep. anast.: Graz, 1955). Outras investigações precisarão ainda certas datas e factos; aguardando a anunciada obra de R. Macken, *Henri de Gand* († 1293), *maître en théologie, à l'Université de Paris, archidiacre de l'évêché de Tournai. Dates et Documents*, poder-se-á consultar, a sua Introdução ao I.º *Quodlibet*.

⁹ Citaremos aqui cronologicamente alguns títulos, de valor desigual, sobre a temática noético-gnoseológica em geral: J. Beumer, «Erleuchteter Glaube, Die Theorie Heinrichs von Gent und ihr Fortleben in der Spätscholastik», *Franziskanische St.* 37 (1955), 129-160; M. Gogacz, «Czy Według Henryka z Gandawy Jest Mozliwa Poznanie Czystej Prawdy Bez Pomocy Oswiecenia?» (=É possível, segundo H. de Gand, conhecer a verdade pura sem recurso à iluminação?), *Roznicki Filozoficzne*, 8 (1960),

161-171; Kr. Dudak, «Zarys problematyki poznawczej w Summae questionum ordinarium z Gandawy» (= Resumo de uma teoria do conhecimento nas Sumae... de H. de Gand), *ibid.*, 11 (1963), 113-135; C. B. Schmitt, «Henry of Ghent, Dans Scotus and Gianfrancesco Pico ou illumination», *Medieval Studies*, 25 (1963), 231-258; J. V. Brown, «Sensation in Henry of Ghent: a late medieval aristotelian — augustinian synthesis», *Archiv für Geschichte der Philosophie* 53 (1971), 238-266; ID., «Henry of Ghent on internal sensation», *Journal of the History of Philosophy* 10 (1972), 15-28; ID., «Abstraction and the object of the human intellect according to Henry of Ghent», *Vivarium* 11 (1973), 80-104; ID., «Divine Illumination in Henry of Ghent», *Recherches...* 41 (1974), 177-199; ID., «Intellect and Knowing in Henry of Ghent», *Tijdschrift voor Filosofie* 37 (1975), 490-512 e 629-710; ID., «John Duns Scotus on Henry of Ghent's Arguments for Divine Illumination: The statement of the case», *Vivarium* 14 (1976), 94-113; ID., «John Duns Scotus and Henry of Ghent's Theory of Knowledge», *The Modern Schoolman* 56 (1978), 1-29; ID., «The meaning of 'Notitia' in Henry of Ghent» in: *Sprache und Erkenntnis im Mittelalter...* 992-998; C. Bérubé, «Henri de Gand et Mathieu d'Aquasparta interprètes de saint Bonaventure», *Natureza y Gracia* 21 (1974), 131-172; J. Teravainen, *Henrik Gentilaisen tieto-oppi* (= A Epistemologia de H. de Gand), Tampere, 1975; Ada Lamacchia, «Notion et structure de l'être chez Tommaso Campanella», *Journal Philosophique* 2 (1986), 254 (onde se nota a influência de H. de Gand sobre Campanella); S. P. Marrone, «Mathew of Aquasparta, Henry of Ghent and augustinian epistemology after Bonaventure», *Franziskanische St.* 65 (1983), 252-290; V. Sorge, *Gnoseologia e teologia nel pensiero di Enrico di Gand*, Nápoles, 1988.

¹⁰ Cf. S. Swiezowski, «Le problème de la 'via antiqua' et de la 'via moderna' au XVe. siècle» in *Miscellanea Mediaevalia*, Bd. 9, 1974, 492.

¹¹ Ms. Vaticano, *Ottob.* lat. 2520, f. 238-245 (vd. R. Macken *Bibliotheca manuscripta...*, 772).

¹² M. Grabmann, «Bernhard von Auvergne, O. P. († nach 1304), ein Interpret und Verteidiger der Lehre des hl. Thomas von Aquino aus alter Zeit», *Divus Thomas*, 10 (1932), 34. Sobre H. de Gand e a literatura quodlibética, vd. P. Glorieux, *La littérature quodlibétique de 1260 a 1300*, Le Saulchoir-Kain, 1925, 11-95, referindo Henrique de Gand como «un des maîtres qui semblent avoir été le plus directement en contact avec leur auditoire». Do mesmo autor: *La littérature quodlibétique II*, 9-50; J. Wippel, «The Quodlibetal questions as a distinctive literary genre» in: *Les genres littéraires dans les sources théologiques et philosophiques médiévales*, Lovaina-a-Nova, 1982, 67-84.

¹³ P. Baverschmidt, *Die Seins- und Formmetaphysik...* 6 «Ihre monumentale konzeption allein offenbart den gewaltigen Geistesflug der Genter Magisters, ebenso wie die gigantisch geplanten, aber oft unvollendeten katedralen der Gotik von einem geradezu faustischen Willen zur Größ und Macht künden».

¹⁴ Sobre a atribuição da autoria da obra, vd. R. Macken, «Introduction», xiv-xxii; G. A. Wilson, «Review of Henry of Ghent's Quodlibet X and the Lectura Ordinaria super Sacram Scripturam (Attributed to Henry of Ghent)», *Franziskanische St.* 65 (1983), 397-401; ID., «A Note Concerning the Authorship of the 'Lectura Ordinaria' Attributed to Henry of Ghent», *Recherches...* 66 (1989), 227-231.

¹⁵ Anteriormente à edição crítica poderão mencionar-se os seguintes estudos e edições: L. Bellemare, *Les 'Quaestiones super VIII libros Physicorum' attribués à Henri de Gand* (ms. Erfurt, Amplon. F. 349, ff. 120va—184rb) (Étude sur l'authenticité de l'oeuvre, Étude et Texte des Questions sur les livres I et II (pro manuscripto), Lovaina, 1964, 2 vols.; R. Perron, *Les livres trois et quatre des 'Quaestiones*

super VIII libros Physicorum attribuées à Henri de Gand. Texte inédit et Introduction (pro manuscripto), Lovaina, 1961, 3 vols. (Tal como já aconteceu com a *Lectura*, é possível que a edição das *Quaestiones* nos esclareça definitivamente a questão da respectiva autoria); J. P. Zwaenepoel, *Les Quaestiones in librum de Causis attribuées à Henri de Gand. Edition critique*, Lovaina, 1974 [de atribuição pouco provável; cf., do mesmo autor, «The Quaestiones in librum de Causis attributed to Henry of Ghent according to the Escorial Manuscript», *Unitas* 32 (1959), 799-809]; R. Macken, *La 'Lectura ordinaria super Sacram Scripturam' attribuée à Henri de Gand. Edition critique*, Lovaina-Paris, 1972. Também os *Sermões*, já receberam uma edição; para o primeiro citado, e cuja autenticidade nunca foi contestada, vd. K. Schleyer, *Anfänge des Gallicanismus im 13ten Jahrhundert. Der Widerstand des französischen Klerus gegen die Privilegierung der Bettelorden*, Berlin, 1937, 141-150; para o segundo: E. Hocedez, *Richard de Middleton. Sa vie, ses oeuvres, sa doctrine*, Lovaina-Paris, 1925, 509-517; J. Marrone, «The Absolute and the Ordained Powers of the Pope. An Unedited Text of Henry of Ghent», *Medieval Studies* 36 (1974), 7-27. Da epistolografia de Henrique de Gand (talvez conservada no séc. XIV na Bibl. Pontifícia de Avinhão) nada nos resta hoje (Vd. R. Macken, *Hendrik van Gent*, col. 379). O *De Poenitentia* não deve ser de Henrique de Gand (vd. R. Macken, «Le 'De poenitentia' d'Henri de Gand retrouvé?», *Recherches...* 36, 1969, 184-194; e a «Nota complementar» que o mesmo autor publicou na mesma revista, 37: 1970, 150).

¹⁶ Vd. R. Macken, in *Quodl. I*, xviii-xx; cf. F. J. Roensch, *Early Thomistic School*, Iowa, 1964.

¹⁷ Cf. Mário A. S. de Carvalho, «A leitura Aquinatense de 'Peri Psychés', B, VI», [Separata da] *Revista da Faculdade de Letras*, 4 (1987), 4, nota 7.

¹⁸ P. Glorieux, «L'enseignement au moyen âge. Techniques et méthodes en usage à la faculté de théologie de Paris au XIIIe siècle», *Archives d'hist. doct. et litt. du moyen âge* 35 (1968), 65-186.

¹⁹ J. Paulus, *Henri de Gand...*, xx. R. Macken resume assim «o estilo e a maneira de trabalhar de Henrique» («Introduction» in *Quodlibet I*, xv-xvi): «l'emploi de schèmes compliqués pour systématiser sa pensée touffue et nuancée; sa manière de replacer une question dans un cadre plus large, où il refait l'histoire du problème et cherche le vrai sens des textes originaux...; ses synthèses grandioses, parfois inachevées, comme sa 'Somme' monumentale; sa 'prolixitas', où cependant chaque mot est à sa place et qu'il faudrait qualifier plutôt de 'style exhaustif', où chaque exemple est expliqué jusqu'à l'extrême détail et où l'exposé est suivi souvent d'une répétition complète en termes négatifs; sa 'solemnité', qui parfois, mais rarement, fait place à un ton passionnément polémique; la reprise d'un mot, comme pour renouer le fil de la pensée après une brève digression; l'insertion de citations, au cours desquelles de nouvelles citations du commentateur sont insérées; le parallélisme dans le développement de ses idées».

²⁰ R. Macken, *Les corrections...*, ID., «La personnalité, le caractère et les méthodes de travail d'Henri de Gand» in: *Festschrift Prof. M. A. Schmidt* (citamos a partir das provas), 1990, 192-206, Vd. o § 4 da Introdução de L. Hödl ao «Projecto-Suma» adiante referido.

Para uma primeira apresentação da filosofia de Henrique de Gand, em português, J. M. da Cruz Pontes, *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa, 1990, 1070-1073 e N. Abbagnano, *História da Filosofia IV*, Lisboa, 1985, 82-88.

²¹ São os seguintes, os referidos volumes em preparação: Vol. III: *Continuatio* e Vol. IV: *Henri de Gand, †1293, maître en théologie à l'Université de Paris...*

²² Aqui ficam alguns números: 326 catálogos; 1305 páginas; 34 reproduções; 92 apêndices; 20 menções a obras autênticas (sobre *Quodl.*, vd. 951-1014, sobre a *Summa*, vd. 1020-1066); 34 menções a obras de autenticidade duvidosa e falsa (por onde aliás se vê que se as *Quaestiones s. Physicam* forem de H. de Gand, ele terá escrito decerto um comentário à *Metafísica*, vd. 1073-1097 e 1100-1112); 62 reportórios sobre as obras manuscritas de autores que escreveram *ad mentem Henrici Gandavensis* (vd. 1131-1209), e onde se revela a preciosa, mas irregular, acção editorial dos Servitas. Esta acção fora devidamente apreciada na tese de doutoramento de R. Macken, já mencionada.

²³ R. Macken, *Die Editionstechnik der 'Opera Omnia' des Heinrich von Gent*. Vd. acima nota 1.

²⁴ Reproduzimos aqui a cronologia estabelecida por J. Gómez Caffarena (*Cronología de la 'Suma'...*) com a indicação, entre parêntesis rectos, das várias divergências, já coligidas por R. Macken («Introduction» in *Quodlibet I*, xvii); I: Natal, 1276; II: Natal, 1277; III: Páscoa, 1278 [1279, segundo Paulus], IV: Natal, 1279 [1280, idem]; V: Natal, 1280 [Páscoa, 1281]; VI: Natal, 1281 [Páscoa, 1282]; VII: Natal, 1282; VIII: Natal, 1284; IX: Páscoa, 1286; X: Natal, 1286 [Páscoa, 1287, segundo San Cristóbal-Sebastián]; XI: Natal, 1287 [Páscoa, 1288, segundo Paulus]; XII: Natal, 1288 [Páscoa, 1289, idem]; XIII: Páscoa, 1289 [Natal, 1289 ou Páscoa, 1290, idem]; XIV: Natal, 1290 [Páscoa, 1291, idem]; XV: Natal, 1291 [Páscoa, 1292, idem].

²⁵ J. Paulus, «A propos de la théorie de la connaissance d'Henri de Gand», *Revue Philosophique de Louvain* 47 (1949), 493-496. O mesmo autor escreveu («Henri de Gand et l'argument ontologique», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire au Moyen Âge*, 10-11: 1935/36, 269): «Henri passe, à bon droit, pour augustinien, mais c'est un augustinien qu'influence fort Aristote, en sorte que sa théorie de la connaissance se préoccupe, avant tout, d'accorder deux doctrines contraires, en faisant à l'une et l'autre sa part».

²⁶ Opinião diversa terá J. Marenbon, *Late Medieval Philosophy (1150-1350). An Introduction*, Londres — Nova York, 1987, 144-153. Sobre a relação Avicena-Henrique de Gand, veja-se: R. Macken, «Henri de Gand et la pénétration d'Avicenne en Occident» in *Philosophie et Culture* (Actes du XVIIe. Congrès Mondial de Philosophie, 1983), Montréal, 1988, 845-850; ID., «Avicennas Auffassung von der Schöpfung der Welt und ihre Umbildung in der Philosophie des Heinrich von Gent» in *Philosophie im Mittelalter Entwicklungslinien und Paradigmen*, hrg. v. J. Beckmann et. al., Hamburgo, 1987, 245-257. E. Gilson, «Pourquoi saint Thomas a critiqué saint Augustin» *Archives d'hist. doct. et litt. du moyen âge* 1 (1926), 5-127; ID., «Avicenne et le point de départ de Duns Scot», *ibid.* 2 (1927), 89-149; ID., «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», *ibid.* 4 (1929), 5-149; ID., «Un cas d'augustinisme avicennisant», *ibid.* 8 (1933), 37-42; veja-se, por último, o importante e vasto contributo de J. Decorte, *Een avicenniserend...*

²⁷ R. Zavalloni, *Richard de Mediavilla et la controverse sur la pluralité des formes*, Lovaina, 1951, 287-296; R. Macken, «Unité et Dymorphisme de l'homme selon Henri de Gand», *Incontri Culturali* 10 (1977), 177-182.

²⁸ R. Macken, *Substance de la matière...*, para o primeiro caso, e *L'interpénétration de l'intelligence...*, para o segundo; vd. ainda, J. Decorte, *Een avicenniserend...*

²⁹ Conhecem-se dezoito códices da *Summa* [vd. R. Macken *Biblioteca Manuscripta...* e ainda «Une acquisition importante de la Bibliothèque Royale Albert Ier de Bruxelles: un manuscrit de la 'Summa' portant nombre d'indications de pièces», *Bulletin de Philosophie Médiévale* 26 (1984), 152-55; R. Macken encontrou um Ms. em dois

volumes na casa da família Goethals de Mude em Gand v(d. o § 3. B. da sua «Introdução» ao volume no prelo: «Le deuxième exemplar universitaire de la 'Summa'»). Contudo, a sua mais relevante descoberta foi a da Biblioteca de Paris: Bibl. Nat. Ms. lat. 15355, que pertenceu a Godofredo de Fontaines, com correções do próprio Henrique de Gand (vd. «Les corrections d'Henri de Gand à sa Somme», *Recherches...* 44: 1977, 55-100 e, do mesmo autor, as suas Introduções aos seguintes *Quodlibeta*: I (lxxiv-lxxxi), IX (lx-lxix) e X (lxxiv-lxxx), para além de «Les corrections d'Henri de Gand à ses Quodlibets», *Recherches...* 40 (1973), 5-51 e o presente Estudo Crítico que antecede a edição da *Suma*; veja-se ainda, de L. Hödl, o § 4, «Le texte de travail de la 'Summa' art. 31-34».

³⁰ Como o confirmam todas as edições dos *Quodlibeta* até à data saídos, o texto do copista revela-se superior ao exemplar universitário, podendo derivar pois do próprio Henrique de Gand ou de alguém que com ele trabalhou intimamente; há, de facto, uma distinção caligráfica, a *littera formata*, do copista, e a *littera textualis currens*, do corrector.

³¹ Muito justamente, L. Honnefelder ('*Ens in quantum ens*', *Der Begriff des Seienden als solchen als Gegenstand der Metaphysik nach der Lehre des Johannes Duns Scotus*, Aschendorf-Münster, 1979, 57, nota 10) designa Henrique de Gand como «preceptor» de João Duns Escoto.

³² Vd. T. Gregory, «Filosofia e Teologia nella crisi del XIII secolo», *Belfagar* 19 (1964), 1-12. Resumindo globalmente a posição de Henrique de Gand perante Tomás de Aquino, lê-se na Introdução à edição da *Summa* por L. Hödl: «Henri de Gand parle parfois avec une très grande estime de Thomas d'Aquin, qu'il nommait 'quedam doctor religiosus valde excellens', mais il déclinait les bases philosophiques de la théologie que Thomas avait posées. L'être ('esse') por Henri n'est pas, comme le pense Thomas, un coprincedo métaphysique dans la structure de l'étant, car ce qui existe effectivement, doit être compris à partir de son essence (c'est-à-dire sa possibilité d'être). Ce qui porte en lui la possibilité d'exister, le formel, n'est pas simplement une disposition de ce qui existe effectivement, mais il est en soi une possibilité d'exister, est la plénitude de l'être, qui dans l'existence 'hic et nunc' ne sera jamais pleinement et totalement réalisée. L'analyse modale des différents modes d'être aiguise le regard pour toutes les différentes possibilités de l'être, qu'Henri de Gand analysait dans ce qui est créé par Dieu. L'essence des êtres est fondée sur des idées divines, et peut seulement être amenée à l'existence concrète et effective par l'activité créatrice de Dieu. Comme il a été dit, Henri de Gand refusait la distinction réelle de l'«être» et de l'«essence», et expliquait le caractère de créature du monde en se basant sur l'essence des êtres créés. Il rejetait la doctrine de l'acception d'une 'species intelligibilis'. Il déclinait aussi la conception de Thomas de la volonté humaine comme une puissance en même temps passive et active. Nul autre théologien a critiqué immédiatement après la mort de Thomas d'Aquin la base philosophique de la théologie qu'il proposait, d'une façon aussi aiguë, que le théologien de Gand».

³³ Vd. L. Hödl, «...sie reden, als ob es zwei gegen sätzliche Wahrheiten gäbe' Legende und Wirklichkeit der mittelalterlichen Theorie von der doppelten Wahrheit» in: *Philosophie des Mittelalters...*, 225-243. Vd. também, P. De Vooght, «La méthode théologique d'après Henri de Gand et Gérard de Bologne», *Recherches...* 23 (1956), 61-87.

³⁴ Hödl, «Zur kritischen Neuausgabe...», 158: «Was die Rezeptiongeschichte der Summa betrifft, so unterscheidet sich diese von der Quodlibeta. Diese wurden nach ihrem Erscheinen sofort in die akademische Auseinandersetzung einbezogen. Die Summa wurde erst Ende des 13. Jahrhunderts, vor allem durch Johannes Duns Scotus

berühmt. Er hat als junger Dozent bei der Auslegung der Sentenzenbücher deren drei Hauptstücke der theologischen Wissenschaftslehre, der philosophischen Gotteslehre und der Trinitätstheologie argumentativ verarbeitet und selbständig weitergedacht».

³⁵ Uma outra divisão possível da *Summa*, sustenta R. Macken, poderia ser: aa. 1-20, Proêmio; aa. 21-75, «De Deo», e o restante, «De Creaturis», que a morte ou o envolvimento do teólogo de Gand com o partido dos prelados, que o solicitavam para acções e múltiplas intervenções, o impediu de redigir. Outra divisão possível podia incluir o «De Creaturis» como segunda subdivisão de uma segunda parte, «De Deo» («Deus» em relação às criaturas, depois de uma outra, «Deus em Si mesmo»).

Sobre a qualidade da tradição textual universitária, no que concerne à *Summa*, vd. R. Macken, «L'édition critique des ouvrages divulgués au Moyen Age par l'intermédiaire d'un exemplar universitaire divisé en pièces» in: *La production du livre universitaire au Moyen Age. Exemplar et Pecia* (Actes du symposium tenu au Collegio San Bonaventura de Grottaferrata, 1983), Paris, 1988, 285-308. A edição do *Tractatus super facto praelatorum...* revelou que a Universidade zelava pela correcção da forma, da palavra e da linguagem, durante a edição, pelos copistas, que trabalhavam sob juramento debaixo da direcção do *stationarius*.

No parágrafo aludido, Hödl põe reservas à cronologia de J. Gómez Caffarena, relativamente à edição dos vinte primeiros artigos antes de 1276, apontando a necessidade de distinguir a origem académica e a origem literária da obra (i.e., e procurando responder a Gómez — Caffarena, um autor pode remeter para algo que ainda não editou, mas já ensinou) ou para a hipótese da vintena de artigos ser independente dos *Quodlibeta* e não apenas anteriores. Entretanto, R. Macken é mais cauteloso já que, pelo menos em um caso (a. 34 = Quodl. IV), pôde confirmar a cronologia do filósofo espanhol.

³⁶ «Secundo anno Adolphi doctor solemniter magister Henricus de Gandavo celeberrimus coepit haberi. Hic scripsit summam theologiae, verborum quidem intricacione et obscuritate quantitateque notabili voluminis obtusioribus onerosam, sed sensuum subtilitate plurima et profunditate mirabili repertissimam et fecundissimam ob hoc a perspicacioribus quam pluribus avidius anhelatam» (*Liber de rebus memorabilibus sive Chronicum Henrici de Hervordia*, ed. A. Potthast, Göttingen, 1859, 213).

³⁷ J. Paulus, *Henri de Gand...*, 295-303; P. Duhem, *Le Système du Monde*, VI, Paris, 1954, 123-129; R. Macken, *De radicale...*; ID., *L'argumentation...*; ID., *La temporalité...*; P. Mazzarella, «La creazione nel tempo secondo Enrico di Grand», *Discorsi* 2 (1982) 28-40; P. Van Velthuisen, «Hendrick van Gent contra Thomas van Aquino. Over de mogelijkheid van een geschapen wereld», *Stoicheia* 2 (1987), 3-26; R. C. Dales, *Medieval Discussions of the Eternity World*, Leiden, 1990, 165-170.

³⁸ Confirmar-nos-emos, aqui, às mais recentes obras de carácter geral: L. Bianchi, *L'errore di Aristotele. La polemica contro l'eternità del mondo nel XIII secolo*, Florença, 1984; ID., *L'inizio dei tempi. Antichità e novità del mondo da Bonaventura a Newton*, Florença, 1987; R. C. Dales, *Medieval discussions...*; J. B. M. Wissink (ed.), *The Eternity of the World in the thought of Thomas Aquinas and his Contemporaries*, Leiden, 1990.

Sobre o mesmo problema, mas na antiguidade, veja-se: J. Baudry, *Le problème de l'origine et de l'éternité du monde dans la Philosophie Grecque de Platon à l'ère chrétienne*, Paris, 1931; R. Soraji, *Time, Creation & the Continuum. Theories in antiquity and the Middle Ages*, Londres, 1983.

Na filosofia arábico-judaica, veja-se: E. Behler, *Die Ewigkeit der Welt. Problemsgeschichtliche Untersuchungen zu den Kontroversen zum Weltanfang und Weltunendlichkeit in der arabischen und jüdischen Philosophie des Mittelalters*, Viena-Paderborn-Munique, 1965.

³⁹ L. Bianchi, *L'errore...*, 107: «La nuova fisica-teologia del tempo assoluto e la nuova matematica degli infinitesimi, fundamenta del paradigma científico destinado a dominare l'età moderna, si alleavano dunque nel rifiuto della più discussa ma gloriosa tradizione antieteralista. Era la fine dell'ormai millenario sogno di Filopono di mettere la cristianità sull'offensiva, dimostrando 'more geometrico' l'articolo di fede della creazione temporale dell'universo».

⁴⁰ Cf. R. Hissette, *Enquête...*, 147; R. Macken, *La temporalité...*, 220.

⁴¹ Vd. a propósito, das intersecções históricas, desta tradição ocidental, no tema criacionista, H. Heimsoeth, *Los seis grandes temas de la Metafísica Occidental*, trad., Madrid, 1946—2.ª ed., 29-88. Para o *Liber de Causis* vd., Adriaan Pattin, «Le Liber de Causis», *Tijdschrift voor Filosofie* 28 (1966), 90-203.

⁴²... est modus intelligendi creaturam participare esse, intelligendo ipsam essentiam creaturae ut aliquid abstractum per intellectum indifferens ad esse et non esse, quod de se est quoddam non ens, habens tamen formalem ideam in Deo, per quam in Deo est ens quoddam antequam fiat ens in propria natura, ad modum quo quaelibet res habet esse ens in Deo... et quod tunc fit ens in actu, quando Deus ipsum sua potentia facit ad similitudinem suae formalis, quam habet in se ipso, et quod ex hoc dicitur participare esse, quod est eius similitudo expressa in effectu ab illo esse puro quod Deus est. Quae quidem similitudo cadit in ipsa essentia rei, quia ipsa essentia rei, in quantum est quidam effectus Dei, est quaedam similitudo esse Dei; non autem est ipsa similitudo Dei qua esse participat creatura, aliquid praeter essentiam ipsius creaturae, differens re ab ipsa et ei impressa». (*Quodlibet* I, 49, l. 53-67).

⁴³ Vd. *Quodlibet* X, q. 7; X, 8: III, 9; *Summa*, a. 21, q. 4; a. 35, 8, 9, 66, 1, 10-110. (Sobre o tema, em H. de Gand, vd. Mark G. Henninger, *Relations, Medieval Theories 1250-1325*, Oxford, 1989, 20-58.

⁴⁴ Avicena, Aristóteles e Agostinho são as autoridades mais citadas (nove, oito e seis vezes, respectivamente); *Sermo* 117; *De civ. Dei* X e XII; *De diu quaest.*, 23; *De immortal. an.*, 8; *Adim.*, 2; de Aristóteles, os capítulos IV e IX da *Met.*, o *De Cael.*—Cf. os comentários de Alberto Magno e T. de Aquino—, e a *Phys.* III; de Avicena, o comentário à *Metafísica*, VI, VII e IX; Seguem-se, Ambrósio: *Hexaem.* I (três vezes); e o comentário de Averróis à *Met.* IX. Das Escrituras: o *Gênesis*, o *Evangelho de São João*, e o *Salmo* 113. Finalmente, o *Contra Felicianum* e o *De fide ad Petrum*. Abordando a mesma temática, na *Lectura* o número das autoridades sobe exponencialmente.

Uma simples consulta do «Índice Onomástico» de qualquer um dos volumes dos *Opera Omnia*, é deveras surpreendente. Para cima de trinta, os autores citados por Henrique de Gand, nos seus *Quodl.*, sendo que a utilização de algumas autoridades é abundante e relativamente completa. Vd. ainda, R. Macken, «Les sources d'Henri de Gand», *Revue Phil. de Louvain* 76 (1978), 5-28.

⁴⁵ R. Macken, *La temporalité...*; sobre a alusão a Ockham, vd. N. Kretzmann, «Ockham and the Creation of the beginning of the World», *Franciscan Studies* 45 (1985), 1-31.

⁴⁶ R. Macken, *La temporalité...*, 209.

⁴⁷ R.-A. Gauthier, «Notes sur Siger de Brabant II», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques* 68 (1948), 3-49 e L. Bianchi,

L'errore..., respectivamente. Sobre este último, veja-se, a recensão de F. Van Steenberghen in *Revue Phil. de Louvain* 58 (1985), 231-238.

⁴⁸ Limitamo-nos aqui a referir que todos os textos de Agostinho citados no *Quodlibet* I, qq. 7-8, estão ausentes do primeiro capítulo da *Lectura*. O mesmo acontece com três passos de Aristóteles e dois de Avicena. Todos os outros textos citados coincidem com os da *Lectura*, embora nem sempre a citação feita reproduza exactamente idênticas secções de um mesmo texto. No entanto, deverá sempre levar-se em consideração o facto de a *Lectura* e o *Quodlibet* pertencerem a dois métodos distintos do trabalho universitário, para além de o espaço temporal que separou as duas redacções. Idêntico trabalho deverá ser feito, depois do aparecimento das edições críticas, para as *Quaestiones s. VIII libros Physicorum*.

⁴⁹ Veja-se, respectivamente, Agostinho, *De diu. quaest.* 83, q. 28; Tomás de Aquino, S. Th. I, q. 46, a. 2 resp.; sobre Boécio de Dácia, poderá ver-se a edição da tradução portuguesa do seu *De Aeternitate mundi*, que ultimamos; Sigério de Brabant, *Quaest. in tertium de anima* q. 2, 74-75 (ed. B. Bázán, Paris, 1972); Ph. Delhay, *Siger de Brabant. Questions sur la Physique d'Aristote* VIII, 6 (Paris, 1941, 201).

⁵⁰ *Quaestiones super de Generatione*, Paris, B. Nat. lat. 15805, f. 36 va (cit. in Z. Kuksewicz, «Gilles d'Orléans était-il averroïste?», *Revue Phil. de Louvain* 88 (1980), 5-24.

⁵¹ Jürgen Moltmann, *Dios en la creación*, trad., Salamanca, 1987, 119-153.

⁵² Cf. P. Ricoeur, «Temps Biblique», *Archivio de Filosofia* 53 (1985), 23-35.

⁵³ «Dicamus ergo quia Deus 'creavit': id est produxit 'caelum et terram' ex nihilo: id est non esse absolute, non tamen posteritate naturae sive essentiae, sed durationis, non quo tempus sit prius, sed quo tempus incipiat esse, aeternitate praexistente duratione infinita». (*Lectura...*, 50 l. 84-87). O sublinhado é nosso.

⁵⁴ Van Steenberghen, *Maître Siger de Brabant*, Louvain-Paris, 1977, 267-268. (Para as edições das obras citadas: B. Bázán, *Siger de Brabant. Quaestiones in tertium de anima. De anima intellectiva. De aeternitate mundi*, Lovaina, 1972; ID., *Siger de Brabant. Ecrits de Logique, de morale et de Physique*, Lovaina, 1974).

⁵⁵ «Et sic absolute dicendum quod creatura, eo quod creatura est, voluntarie a Deo de nihilo facta, non potest esse ab aeterno, contradictione repugnante, quia eo quod ponitur sine initio, ponitur habere esse sibi non acquisitum ab alio de non esse, et per hoc quod est creatura, ponitur sibi a Deo esse acquisitum de non esse». (*Quodlibet* I, 39-40, l. 4-8).

⁵⁶ J. Gómez-Caffarena, *Metafísica de la inquietud humana en Enrique de Gante*; R. Macken, «Lebensziel und Lebensglück in der Philosophie des Heinrich von Gent», *Franziskanischen St.*, 61 (1979), 107-123; ID., *Deseo natural...*; ID., «Henry of Ghent and Augustine», *Proceedings of the Conference 'Ad litteram': Authoritative Texts and their Medieval Readers*, (April, 2-4, 1989), Notre-Dame—Indiana (citamos a partir do manuscrito).

⁵⁷ Cf. M. Heidegger, Was ist Metaphysik? in: *Quaestiones I* (trad.), Paris, 1968, 79.

⁵⁸ E. Kantorowicz, *Los dos cuerpos del Rey. Un estudio de Teología Política Medieval*, trad., Madrid, 1985, 260-296, para um caso.

* A presente Nota só foi possível graças ao trabalho que pudemos realizar no «Hoger Instituut voor Wijsbegeerte» (K.U.L.) na qualidade de bolsheiro da *Fundação Calouste Gulbenkian*, a quem reconhecidamente agradecemos. O nosso obrigado estende-se ainda ao

Prof. Dr. Raymond Macken, por todas as facilidades concedidas para a redacção deste texto e nomeadamente pela sua disponibilidade e generosidade ao facultar-nos o acesso à sua recolha Bibliográfica, ainda inédita. Finalmente, ao Prof. Dr. J. M. da Cruz Pontes, que amavelmente leu uma primeira versão desta nota.

A propósito dos POEMAS DO NOME DE DEUS *

de JOSÉ AUGUSTO SEABRA

1. Michel de Certeau nota, a justo título, que para a *Aufklärung*, se a «fábula» fala (*fari*), não sabe o que diz e é necessário esperar do escritor-intérprete o saber do que ela diz, sem o dar a saber. Ela é pois, rejeitada para o lado da «ficção», e como toda a ficção, considerada como camuflando ou afastando o sentido que guarda¹.

Se isto é verdade de todo o discurso, é-o ainda mais, certamente, do discurso teológico-dogmático que pelo menos desde o século XIII até ao século XIX operou indiscutivelmente no círculo fechado duma linguagem rigidamente positiva, de que apenas se salvou a religiosidade popular e suas práticas.

Por isso mesmo a Poética da fé, encontra-se hoje, provavelmente fazendo objecto duma dupla suspeita: a dos defensores da rigidez do Iluminismo e a dos defensores da rigidez dogmática.

E portanto as linguagens da fé são simbólicas, se tomarmos este termo à letra. Como se sabe, o símbolo é, originalmente, a parte dum objecto ao qual falta e se ajusta uma outra metade. A palavra e as funções que organizam o Cristianismo funcionam, de maneira mais ou menos visível, mais ou menos *permitida*, como nota ainda M. de Certeau, de forma que nenhuma dessas funções diz ou circunscreve «a» verdade, mas elas reenviam umas às outras duma maneira que não altera nunca o sentido, não autoriza nem a repetição nem a alternativa, e não fecha um lugar senão no acto de lhe permitir um outro².

Alguns vão mesmo ao ponto de pensar, partindo da frase de L. Wittgenstein: «aquilo de que não se pode falar, deve calar-se», impor silêncio à lógica, porque é neste silêncio que começa a fazer ouvir-se a palavra que não é mais, de maneira nenhuma, discurso. O momento final da lógica seria então a suprema decisão da exis-

* Referimo-nos ao texto de José Augusto Seabra, *Poemas do Nome de Deus*, editado pelo Instituto Cultural de Macau, 1990.

¹ Michel de Certeau, *La fable mystique*, 1 (Paris 1982) 23.

² Michel de Certeau, «Le Christianisme dans la culture contemporaine», *Esprit* Junho de 1971 1212 e s.